

“I CAN FIX HIM”: o apego de leitoras de *fanfic* a vilões com arcos de redenção no Universo Cinematográfico da Marvel

Ana Luisa Sampaio Nagashima (IC) e Ana Lúcia Ramos Pandini (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

“*I can fix him*”, posso concertá-lo, em inglês, é uma expressão utilizada para designar a tendência de sentir-se atraído romanticamente por parceiros de condutas destrutivas e/ou perigosas. Esse comportamento pode ser claramente observado no âmbito das *fanfics*, histórias envolvendo personagens ficcionais ou reais, advindos de alguma criação midiática, como os filmes dos Estúdios Marvel, *fandom* que apresenta grande quantidade de *fanfics* envolvendo dois vilões redimidos, Bucky Barnes e Loki. Essa grande quantidade de histórias com os dois personagens indica existir um fascínio neles, aproximando-os das fãs e levando-as a construírem histórias – as *fanfics* –, resolvendo conflitos apresentados nos filmes, explorando seus desdobramentos, ou criando situações novas. A ideia de concertar o personagem apresenta-se mais explicitamente em *fanfics* da categoria *hurt/comfort* ou nas *sickfics*, histórias envolvendo cuidado físico e psicológico, podendo ser inspiradas em situações reais vividas pelas autoras. Para compreender estes gêneros de *fanfics*, selecionou-se 44 histórias no total, sendo 12 *sickfics* e 10 *hurt/comfort* para cada personagem. Analisou-se a quantidade de *fanfics* produzidas com Bucky Barnes e Loki como pares românticos das leitoras. Os dados coletados foram analisados à luz da psicologia analítica. O objetivo do trabalho foi investigar as mobilizações emocionais presentes na escrita e leitura de *fanfics*. A partir da análise, compreendeu-se que essas histórias possibilitam viver projetivamente por meio dos personagens, possibilitando a busca pelo cuidado emocional que se necessita no momento, e, portanto, atuando na função transcendente e colaborando na autorregulação da psique das leitoras e escritoras.

Palavras-chave: *Fanfic*. Função transcendente. Processo de individuação.

ABSTRACT

“*I can fix him*” is an expression used to indicate the tendency of feeling romantically attracted to partners with destructive and/or dangerous conducts. This behavior can be clearly observed in the scope of *fanfics*, stories involving fictional or real characters, stemming from some media creation, such as Marvel Studio’s movies, whose *fandom* produce a great number of *fanfics* involving two redeemed villains, Bucky Barnes and Loki. This great quantity of stories with both characters indicates the fascination towards them, making them relatable to fans, who are led



to build stories – fanfics –, solving conflicts from the movies, exploring its developments, or creating new situations. The idea of fixing the character is more explicitly present in fanfics of hurt/comfort or in sickfics, stories involving physical and psychological care, may be inspired by real situations undergone by the authors. To comprehend those genres of fanfics, 44 stories were selected in total, in which, 12 sickfics and 10 hurt/comfort per character. The quantity of fanfics written with Bucky Barnes and Loki as the reader's romantic pairing was analyzed. The data collected was examined through the lens of analytic psychology. The purpose of this work was to investigate emotional mobilization in the writing and reading of fanfics. Stemming from the analysis, it was understood that those stories enable the possibility of living projectively via the characters, facilitating the search for the emotional care needed at the moment, and, therefore, stimulate the transcendent function and collaborating in the self-regulation of the reader's and writer's psyche.

Keywords: Fanfic. Transcendent function. Process of individuation.

1. INTRODUÇÃO

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Esta pesquisa investigou o que atrai as leitoras de *fanfic* por personagens de vilões redimidos do Universo Cinematográfico da Marvel e o que as motiva a procurar por *fanfics* do tipo *sickfic* e *hurt/comfort*.

Como hipótese, compreendeu-se a busca por certos tipos de *fanfics* - *sickfics* e *hurt/comfort* - como uma forma de autorregulação da psique por meio da criatividade, visando ter aspectos de sua existência vistos e reconhecidos.

1.2. JUSTIFICATIVA

Devido à popularização das mídias digitais e a ampliação do uso das redes sociais nas últimas décadas, surgem novos aspectos a se considerar quando pensamos o processo de individuação. As novas tecnologias comunicacionais contemporâneas “participam de uma transformação no modo como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam sua identidade a partir da relação com o outro” (Bruno, 2004, p. 110), e Fernanda Bruno (2004) descreve uma nova forma de subjetivação contemporânea: a subjetividade exteriorizada, formada nas mídias digitais, a partir da exposição do indivíduo no lugar público da internet. Assim, torna-se necessário estudar as estruturas das mídias digitais, compreendendo as realidades sociais presentes nesses grupos e, conseqüentemente, as ações dos indivíduos que os compõem (Minayo, 2015).

Disseminada entre grupos de jovens, a expressão em inglês “*I can fix him*”, posso consertá-lo, em português, demonstra uma realidade a ser analisada: mulheres que tomam as dores do parceiro e o compreendem como alguém a ser salvo, e, em relações de codependência, tentam consertar as questões do parceiro, sejam estas físicas ou psicológicas. A expressão é comumente utilizada em referência à personagens fictícios, vilões ou heróis, os quais apresentam condutas questionáveis.

A partir desse contexto, outro fenômeno na esfera online torna-se importante: as *fanfics*. Tema comum nas redes sociais, tanto pelo substantivo já ter se popularizado para designar histórias fictícias que apresentam pouca probabilidade de acontecerem, quanto para falar sobre as narrativas a respeito de personagens extraídos de meios de comunicação de massa (Jenkins, 2022), as *fanfictions* têm lugar no dia a dia de muitos jovens, acompanhando-os, muitas vezes, por toda a adolescência. Afetando, desta forma, suas formas de subjetivação no mundo contemporâneo.

As *fanfics*, por se tratarem de uma forma de expressão criativa e de imaginação, apresentam grande poder de representação e de dar vida às fantasias (Kast, 1997). Nos websites de armazenamento das histórias, é possível pesquisar o tipo de *fanfic* desejado por meio de *tags*, ou seja, mecanismos de descrição do conteúdo, possibilitando, deste modo, buscar uma história que atenda às necessidades da leitora no momento.

Devido a isto, o estudo das *fanfics* torna-se um valioso instrumento na psicoterapia de adolescentes e jovens adultos devido à sua característica imaginativa e possibilidade de gerar efeito reconfortador temporário.

Considerando as informações apresentadas, faz-se necessário desenvolver pesquisas sobre o tema - as quais são escassas na área da Psicologia - para instrumentalizar psicólogos sobre os possíveis significados dessas histórias para os indivíduos que as leem e compreender o valor dessas narrativas na vida dos jovens.

1.3. OBJETIVO GERAL

Investigar os aspectos psicodinâmicos expressos nas *fanfics sickfics* e nas *hurt/comfort* e suas mobilizações emocionais nas leitoras.

1.3.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estudar a presença do arquétipo do inválido e do curador ferido nas *sickfics* e nas *hurt/comfort*.

Analisar as motivações para a abundância de *sickfics* e *hurt/comforts* envolvendo vilões com arcos de redenção.

Investigar a presença de psicodinâmicas de codependência entre os personagens das *fanfics* de *sickfics* e *hurt/comfort*.

1.4. REFERENCIAL TEÓRICO

Devido à escassez de pesquisas na área da Psicologia sobre o tema, as *fanfics* deste trabalho foram analisadas como produto da execução da imaginação, e seu conteúdo, a partir de suas semelhanças com contos de fadas e a presença do arquétipo do inválido.

Para conseguir criar as histórias, torna-se necessário ter imaginação, ou seja, apresentar habilidade de representação e de criar fantasias (Kast, 1997). A imaginação pode dar vida a representações e fantasias de algo inventado ou de algo que chegou a acontecer em determinado momento (Kast, 1997), e segundo Verena Kast (1997), pode-se encontrar na produção literária.

As *fanfictions* (junção das palavras *fan* e *fiction*, configurando, portanto, em tradução literal, ficção de fã), também chamadas de *fanfics* ou *fics*, são histórias escritas por

adolescentes e adultos, de extensões variadas, podendo conter desde poucas palavras (as chamadas *blurbs*, ou *drabbles*), um único capítulo (nomeados de *one-shots*, semelhante a contos) ou até novelas ou romances (conhecidas como *multi-chapter*, ou *full length fic*).

Henry Jenkins (2022) classifica *fanfics* como sendo qualquer tipo de narração em prosa na qual o enredo e os personagens advém de meios de comunicação de massa. Entretanto, a configuração dessas histórias pode apresentar grande variação. Os personagens das *fanfics* podem ser todos canônicos (parte da mídia original) ou apresentar um novo personagem, chamado de *Original Character* (personagem original), o qual muitas vezes representa as leitoras, e pode até carregar a abreviação das palavras “Seu Nome” como indicador para a leitora imaginar seu nome próprio escrito ali. Essas abreviações aparecem como (Y/N) (*your name*), nas *fanfics* em inglês, ou (S/N), nas em português.

As *fanfics* apresentam predominantemente relacionamentos — que muitas vezes se tornam românticos — entre os personagens. Neste trabalho, focou-se em relações da personagem que representa a leitora com um personagem proveniente da mídia original, uma categoria de *fanfics* denominada de *fic x reader*, nas quais os dois formam um par romântico.

A origem das *fanfics* deu-se na década de 1930 (Pohl, 1974 *apud* Coppa, 2006), iniciando-se com *fanzines*¹ e depois tornaram-se também *fanart* e *fanfiction* (arte e ficção criada por fãs, respectivamente) (Coppa, 2006).

Desde os primórdios dos *fandoms* (palavra tipicamente utilizada para designar fãs-clubes), mulheres sempre estiveram envolvidas, porém foi com *Star Trek* que a presença feminina se fortaleceu, tanto na criação da mídia original quanto nos *fanzines* e *fanfics* (Coppa, 2006). Segundo Coppa (2006), as histórias retratavam pontos nos quais a mídia original não tocava, como protagonismo feminino. Gradativamente introduziu-se *fanfics* com foco em pares românticos, tanto os formados de dois personagens da mídia original quanto os constituídos de um personagem da mídia original e um criado pela autora (*x Original Character*). A essas *fanfics* de pares românticos, dá-se o nome de *slash fic* (Coppa, 2006).

Até a metade da década de 1980, as criações de fãs disseminaram-se a partir de histórias impressas, compartilhadas em convenções. Entretanto, no final dos anos 80, fãs começaram a ocupar espaços *online*, criando grupos, lista de e-mails e sites para armazenar e compartilhar as criações (Coppa, 2006), até que sites especializados se popularizaram.

¹ Junção da palavra *fan* e *magazine*. “São pequenas revistas produzidas e publicadas de forma independente por autores (geralmente) desconhecidos.” (Santos, 2023) A cultura de *zines* era “predominantemente focada em fãs mulheres, frequentemente sugerindo que a cultura de fã funcionava como um espaço feminino e feminista” (Click e Scott, 2018, p.1 *apud* Duggan, 2020, tradução nossa)

Atualmente, as histórias podem ser acessadas em redes sociais como o *Twitter* e o *Tumblr*, e em diversos *websites* criados com o intuito de armazenar esse tipo de conteúdo, como o *Spirit Fanfics*, *Wattpad*, *Fanfic Obsession* e *Archive Of Our Own* (AO3). Dentro dos sites, as *fanfics* são classificadas por *fandom*², e contém *tags* as quais descrevem o conteúdo, o qual pode se encaixar em três grandes categorias: *fluff*, para designar cenários afetuosos; *angst*, palavra alemã para angústia, usada na designação de enredos tristes, que remetem a personagens demonstrando-se machucados emocionalmente e/ou bravos, e *smut* para histórias eróticas. A partir destas categorias, subdividem-se as histórias em temas comuns nas mídias, chamados de *tropes*, as quais focaremos em duas: *sickfic* e *hurt/comfort*.

Von Franz (2021a) explica que ao se ler um conto de fadas, espera-se que ocorra a identificação com os personagens, e, por isso, as leitoras participam de seu sofrimento ao longo do enredo. Ambas as *tropes* tratam-se de colocar os personagens em situações nas quais um está ferido, seja física ou psicologicamente, e o outro vai a seu cuidado. Nesse sentido, pode-se pensar no arquétipo do inválido, conceituado por Guggenbuhl-Craig (1997), no qual se afirma poder atuar neste arquétipo tendo uma real invalidez, como perdendo um braço — situação do personagem Bucky Barnes em sua mídia original — ou não, em graus menores. Entretanto, “a doença ao menos pode ser curada; para a invalidez não há esperança” (Guggenbuhl-Craig, 1997, p. 101), mas inclui-se neste arquétipo a invalidez como “uma deficiência do corpo, do cérebro ou da mente” (Guggenbuhl-Craig, 1997, p. 101). Guggenbuhl-Craig (1997) pontua, também, que o inválido pode deixar aqueles ao seu lado com sensação de serem prestativos e úteis por poderem ajudar-lhe de alguma forma, gerando bondade nos outros. Sobre conviver na existência do arquétipo do inválido, explica-se que

Viver o arquétipo da invalidez significa compreender sua própria dependência eterna de algo ou alguém. Uma pessoa com o sentimento de vida inválido será sempre dependente de uma pessoa com um sentimento de vida forte e saudável. (Guggenbuhl-Craig, 1997, p. 102)

Apesar disto, a falta do arquétipo do inválido pode levar a supervalorização da saúde, o que “provoca resultados desastrosos para os que sofrem de neuroses e doenças psicossomáticas” (Guggenbuhl-Craig, 1997, p. 104). Pessoas que vivem com esse tipo de arquétipo nunca poderão se livrar dele, mas sim aprender a lidar com ele (Guggenbuhl-Craig, 1997).

Neste trabalho, focaremos em personagens os quais apresentam alguma forma de arquétipo do inválido, mas também, em sua mídia original, foram em algum momento os

² Palavra derivada do latim, *fanaticus*, “que etimologicamente é “devoto, pertencente a um templo”” (Monteiro, 2010, p. 2)



antagonistas da história, e que se retratam com o desenvolver do enredo. Sobre os arcos de redenção, Von Franz (2021a), defende que ocorrem após o personagem ser amaldiçoado ou enfeitiçado, e ao desenvolver da história, redime-se. Para isto acontecer, o personagem deve quebrar a maldição banhando-se, comendo flores, sofrendo dor física ou sendo amados e beijados (Von Franz, 2021a). No tipo de histórias a serem estudadas, os personagens encontram-se em uma relação romântica um com o outro, tornando a última forma de redenção a mais possível de acontecer nas *fanfics*.

1.5. MÉTODO

Para a elaboração deste trabalho foi escolhido o método de pesquisa qualitativa documental com a utilização de artigos da psicologia analítica. Segundo Minayo (2015), a pesquisa qualitativa estuda temas de forma simbólica, considerando aspectos impossíveis de quantificar. Trata-se de, por meio dos significados, interpretar e compreender (Minayo, 2015) uma parte da realidade social, uma vez que “o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (Minayo, 2015, p. 22).

Descrita por Minayo (2015) como a primeira etapa da pesquisa qualitativa, a fase exploratória é a “produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada no campo” (Minayo, 2015, p. 27), esta etapa constitui-se de um levantamento de dados sobre as *fanfics* disponíveis no site *Archive Of Our Own* (AO3).

Para restringir o objeto de pesquisa, ou seja, o *fandom* a ser analisado, buscou-se onde estava a maior produção da *fanfics* na plataforma *Archive Of Our Own* (AO3), na qual se constatou que histórias sobre personagens da *Marvel* (disseminados entre três categorias: *Marvel*, *Marvel Cinematic Universe* e *The Avengers (Marvel)*), eram os predominantes no site.

Assim, foi-se realizado um levantamento da quantidade de *fanfics* na plataforma que tinham como principal par romântico algum dos protagonistas dos filmes e séries do Universo Marvel com a personagem da leitora (conhecidas como *x reader fics*, ou seja, personagem original e a personagem da leitora, os dois formando um par, comumente romântico). Como método de filtragem, estabeleceu-se que apenas os protagonistas de, no mínimo, um filme e/ou uma série entrariam no levantamento.

Em relação ao número de *fanfics*, três personagens apresentaram número de *fanfics x reader* muito maior do que os outros, sendo estes James “Bucky” Barnes, o Soldado Invernal; Steve Rogers, Capitão América durante a maioria dos filmes; e Loki, Deus da Trapaça, irmão de Thor. Entre eles, destacou-se que Loki e Bucky Barnes apresentam construções arquetípicas semelhantes, pois ambos passam parte de sua jornada como vilões

e tornam-se heróis com o desenvolver das histórias. Por essa razão, os dois personagens foram escolhidos como foco da pesquisa.

A partir disto, determinou-se a seleção de *fanfics* denominadas, por suas escritoras, de *sickfics* e *hurt/comfort*. Ambas as categorias se tratam de um personagem estar debilitado e o outro oferecer seus cuidados, entretanto, *sickfics* tendem a serem doenças mais simples, como gripes, resfriados e dores menstruais, enquanto *hurt/comfort* abordam tipicamente machucados físicos, lesões, cortes, hematomas, entre outros. Esses dois tipos de *fanfics* foram escolhidos devido a representarem o desejo da leitora de ser reconfortada pelo personagem ou reconfortar o dito personagem.

Desta forma, a segunda etapa da pesquisa tratou-se de um trabalho de campo documental, de “fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação das hipóteses e de construção de teoria” (Minayo, 2015, p. 27), no qual foram selecionadas 44 *fanfics* do site *Archive Of Our Own* - sendo 12 *sickfics* e 10 *hurt/comfort* para cada personagem, somando-se 22 *fanfics* por personagem - para a realização da análise do material. Também foi analisada a quantidade de *fanfics* produzidas conforme a expansão do Universo Cinematográfico da Marvel com Bucky Barnes e Loki no papel de protagonistas e interesses românticos.

Por fim, a última etapa da pesquisa, análise e tratamento do material, iniciou-se pela ordenação dos dados obtidos durante a etapa anterior, o trabalho de campo (Minayo, 2015). Esta análise considerou o contexto em que se dá as histórias, qual dos personagens está na posição de cuidado e qual está na posição de cuidador, as semelhanças na forma que os personagens são apresentados, e a presença de dinâmicas de codependência entre eles. A partir disto, foram estabelecidas categorias segundo as quais classificou-se as *fanfics*, possibilitando, então, a execução da análise a partir de artigos, livros, dissertações e teses da Psicologia Analítica sobre mitos, contos de fadas e imaginação.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. O CHAMADO PARA O AUTOCUIDADO

A princípio, nota-se que ambos os personagens, em algum momento da saga, tomam papel de vilão, seja por motivações interiores, como Loki, ou por influências externas, como Bucky Barnes. Entretanto, a partir da análise de suas histórias, que tanto um quanto o outro apresentam temáticas que justificam sua reverberação com a população feminina.

Bucky Barnes, após cair de um trem durante Capitão América: O Primeiro Vingador (2011) e perder parte do braço esquerdo na queda, é levado para uma instalação da organização dos antagonistas, *Hydra*, onde, sem seu aval, tem um braço de metal conectado

a seu corpo e o injetam um s rum, semelhante ao aplicado em Steve Rogers, que o torna em um soldado com forças supraumanas; além de condicionado para apenas responder às ordens dadas a ele, sem questionamentos.

Já Loki, ao confrontar Odin em Thor (2011) sobre sua verdadeira origem, é descrito como um beb  frágil e pequeno para sua espécie de Gigantes do Gelo, deixado para morrer em um castelo abandonado. Odin também afirma ter modificado a aparência de Loki na época, para que se passe por asgardiano, e a mantendo em segredo desde então.

Assim, observa-se que, em suas histórias, Bucky é tratado como objeto, tem seu corpo invadido e modificado contra sua vontade, e Loki é descrito como frágil, tendo sua aparência real negada e alterada por necessidade de encaixar-se na sociedade. Ambos os temas são muito frequentes na existência das mulheres, na qual o próprio corpo e imagem estão sujeitos ao julgamento constante da sociedade, levando a alterações de imagens para publicação nas redes sociais, procedimentos est ticos ou rituais complexos de cuidados que as deixem mais próximas dos padrões impostos pela sociedade (Wolf, 2020).

O apego aos personagens citados pode-se dar de forma inconsciente, aproximando f s das temáticas e levando à produção de *fanfics* que reverberem essas problemáticas em um esforço de trazer à consciência fatores inconscientes, aplicando a energia psíquica nas *fanfics* como tentativa de elaboração.

se nos defrontamos com uma situação em que algo está encoberto e não sabemos do que se trata, a única coisa a fazer é ficar divagando, captando qualquer coisa que nos atraia a atenção, tentando descobrir que energia participa nisso, ao mesmo tempo que nos observamos para ver o que é que atrai a energia psíquica e, então, brincamos com essa coisa, mesmo que isso pareça completamente ridículo. Se deixarmos a nossa fantasia jogar com o objeto, poderemos então trazer à tona o que estava no inconsciente (Von Franz, 2021a, p. 99).

Desta forma, cria-se um Outro Mágico, uma versão, feita pelas f s, dos personagens com quem se identificaram, a qual supre as necessidades da escritora e da leitora naquele momento, recebendo suas projeções e lhes dando a resposta perfeita dentro do mundo da fantasia. Por trás da ideia do Outro Mágico está o desejo por estabilidade, confiança e segurança, adquiridas a partir do poder arquetípico das *imagos* parentais (Hollis, 1998), levando, inclusive,   infantilização presente em 25% das *sickfics* com Loki analisadas.

Boal (2019) afirma que expressões artísticas possibilitam ao espectador viver vicariamente através de personagens, a partir da empatia, a qual "nos faz sentir como se estivesse se passando com nós mesmos o que no palco ou na tela está se passando com os personagens. Torna nossos emoções e pensamentos alheios" (Boal, 2019, p. 57). Assim, as *fanfics* apresentam o valioso propósito de facilitar a cura das leitoras e escritoras, pois, em doses homeopáticas, utiliza-se de "determinadas paixões ou emoções curando paixões e

emoções análogas, mas não idênticas” (Boal, 2019, p. 53). Partem, inclusive, de ideias semelhantes ao Teatro do Oprimido, ao serem frequentemente criadas devido a experiências particulares da escritora, porém que reverberam nas leitoras ao serem eventos semelhantes ao experienciado por elas (Boal, 2019).

A produção de *fanfics* também exhibe valores presentes nas ideias de Boal, uma vez que retoma o poder de criação das grandes empresas e conglomerados de mídia para as mãos dos fãs. Por meio das *fanfics*, torna-se possível reescrever as histórias com o objetivo de conseguir um final feliz, como nas *fix-it fics*³; adicionar, retirar ou criar personagens, modificando a forma que interagem nas histórias, ou ainda gerar novas representações de gênero, etnia, raça, idade etc. Assim, os personagens passam a retratar vivências diferentes do hegemônico, presente inclusive nas *fanfics*, pois, as personagens “até recentemente tem sido mais comumente representadas como brancas, heterossexuais, cisgênero, classe média, adultas e anglófonas.” (Duggan, 2020, para. 1.1).

2.2. REDENÇÃO NO CANON DE JAMES “BUCKY” BARNES

Nos filmes do Universo Cinematográfico da Marvel, Bucky Barnes é inicialmente apresentado como melhor amigo de Steve Rogers, que viria a ser o Capitão América. Diferentemente dos quadrinhos, nos quais Bucky tem seu primeiro contato com o herói quando criança, levado a ser seu *sidekick* como uma forma de propaganda para atrair a juventude para lutar na Segunda Guerra Mundial, um símbolo antagônico à juventude hitlerista.

Apesar das divergências entre as histórias, os elementos principais são mantidos: em certo momento, Bucky é dado como morto. Entretanto, torna-se um assassino devido a um condicionamento realizado pela União Soviética, recebendo a alcunha de Soldado Invernal. Com o desenvolvimento da história, ele é reencontrado por Steve em uma das missões, e reconhecido pelo amigo. A partir desse momento, inicia-se seu caminho para a redenção: passa a ter consciência de que não tem memórias de seu passado, compreende o perigo que pode oferecer aos indivíduos, e foge. Acolhido por Steve, luta ao lado do amigo temporariamente, antes de se retirar para *Wakanda*, em busca de se curar do condicionamento. Durante seu período no país, a prótese de metal de seu braço esquerdo, o qual perdera no acidente em que fora considerado morto, e fora criada pela União Soviética enquanto trabalhava como assassino, é descartada. Ao ser convocado para lutar em Vingadores: Guerra Infinita (2018), contra o titã Thanos, recebe um novo braço, feito do

³ *Fanfics* nas quais o final ou momentos tristes, ou insatisfatórios são revisitados e reescritos para torná-los com final feliz.

mesmo material do escudo do Capitão América, e sem a estrela vermelha em seu ombro. A mudança da prótese indica uma mudança de roupas, uma nova persona (Von Franz, 2021a) para Bucky.

Em *Falcão e o Soldado Invernal* (2021), lida com o perdão judicial sobre seus crimes enquanto Soldado Invernal, com a condicional de comparecer às sessões de terapia requeridas judicialmente, na qual é proposto procurar todos a quem afetou no seu período como vilão para reparar seus feitos (*make amends*, no original). Na série, Bucky demonstra dificuldade em validar sua capacidade de desvincular-se do vilão que era, dizendo “Talvez ele [Steve Rogers] tenha errado sobre você, e se errou sobre você, pode ter errado sobre mim”⁴ (Falcão..., 2021), pois sua redenção, até aquele ponto, se respaldava na confiança e no amor de Steve Rogers em relação à Bucky.

Para Von Franz (2021a), a redenção nos contos de fada requer uma maldição sobre o personagem. No caso, o condicionamento de Bucky pode ser considerado um enfeitiçamento, o qual indica que “uma certa estrutura da psique está mutilada ou danificada em seu funcionamento” (Von Franz, 2021a, p. 25). Uma das formas de redenção pode ocorrer pela queima da pele animal, observável na história quando, em seus esforços para compensar suas ações, repete a frase “Não sou mais o Soldado Invernal. Sou James Bucky Barnes e você faz parte do meu esforço para reparações”⁵ (Falcão..., 2021). Ao afirmar que é James ‘Bucky’ Barnes, destrói a pele animal (representada pela alcunha de Soldado Invernal), o “momento que se ataca emocionalmente o complexo inconsciente” (Von Franz, 2021a, p. 92), sendo fortalecido no último episódio da série, quando salva alguns civis, os quais são gratos a ele.

2.3. REDENÇÃO NO CANON DE LOKI

Ao longo da série de filmes de Thor, seu irmão, e alguns filmes dos Vingadores, é apresentada a história de Loki, filho biológico do rei Laufey, dos Gigantes de Gelo, em Jotunheim. Abandonado pelo pai e deixado para perecer, é encontrado e adotado por Odin após a guerra de Jotunheim com Asgard. É criado pelo rei e pela rainha de Asgard, Odin e Frigga, e como irmão mais novo de Thor e segundo na linha de sucessão ao trono. Cresce sem saber que não é filho biológico, e demonstra, ao longo dos filmes, cobiça pelo cargo de rei, que viria a ser do irmão.

Devido à construção da história, há uma divergência após *Vingadores* (2012), devido à interferência dos heróis, ocorrida em *Vingadores: Ultimato* (2019), em que após voltarem

⁴ “If he was wrong about you, then maybe he was wrong about me” (Falcão..., 2021)

⁵ “I’m no longer the Winter Soldier. I am James Bucky Barnes and you’re part of my efforts to make amends” (Falcão..., 2021)

para 2012 com o intuito de recuperar as joias do tempo, interferem na linha do tempo e geram uma nova variação. Nesta nova linha, quando Loki é preso por ajudar no ataque a Nova Iorque, consegue fugir, mas acaba sendo enviado à Autoridade de Variância Temporal (AVT), por ser uma anomalia na linha do tempo.

Já o Loki que se mantém na linha do tempo original é preso e levado para Asgard, onde fica em cárcere no filme Thor: Mundo Sombrio (2013). Com a invasão de Asgard pelos Elfos Negros, Loki, ainda encarcerado, lhes dá coordenadas do castelo. Devido a consequências da nova informação, os Elfos conseguem adentrar o castelo rapidamente, e Frigga é assassinada pelos invasores. Assim, Loki carrega parte da culpa pela morte da mãe, inclusive para a linha do tempo em que o fato ainda não ocorrera, descobrindo a informação enquanto é interrogado na AVT.

Desta forma, Loki apresenta dois momentos de redenção: um, ao final da segunda temporada da série homônima, de 2023, a qual protagoniza junto de outra versão sua de outro universo; e outra no início de Vingadores: Guerra Infinita (2018).

Em Vingadores: Guerra Infinita (2018), sua redenção se dá ao proteger Thor e fingir se aliar à causa de Thanos, o vilão. Porém, quando seu plano é revelado, é assassinado por Thanos ao traí-lo. Sua redenção está ao se sacrificar pelo irmão, tentando ser um herói, apesar de usar métodos *trickster*. Já na série, ao encontrar-se em uma situação crítica, na qual o tear temporal quebra e o destino de todas as linhas do tempo entra em colapso, Loki sacrifica sua existência no multiverso ao tomar o lugar como responsável por manter todas as linhas do tempo estáveis e energizadas, tomando forma da árvore espécie freixo, *Yggdrasil*, pertencente à mitologia nórdica e local onde ficam as Três Nornas, representantes da deusa tríplice do destino, responsáveis pelos três destinos, passado, presente e futuro, de todos os deuses e seres humanos (McLean, 2020; Von Franz, 2010).

Durante seu ato heroico de abdicar do mundo e de suas relações, as vestes de Loki tem suas cores magicamente retomadas para o verde tradicional dos filmes, cor ausente nos figurinos de Loki série. “Na Idade Média, o verde era considerado a cor do Espírito Santo, da vida, da procriação e da ressurreição. O verde é uma espécie de espírito vital ou alma cósmica que a tudo impregna” (Von Franz, 2021b, p. 62), simbolizando, também, o novo lugar de Loki como indivíduo responsável por manter a ordem do multiverso ao cuidar das linhas do tempo. Na série, Loki assume esse papel quando o tear temporal se quebra, e “esse motivo (essa imagem) do fuso, e de tecer em geral, está sempre associado às deusas do destino” (Von Franz, 2010, p. 113). Desta forma, assume, tanto no *canon* da Marvel, quanto na leitura simbólica da história, lugar de divindade e não de rei.

Em sua última cena, suas vestes demonstram propositalmente a ausência da batalha física, devido à ausência de armadura (Paige, 2023), o que também informa sobre a caminhada de Loki em direção ao inconsciente, – literalmente desarmado – isolando-se, a partir de um movimento de introversão, mesmo que presente no multiverso devido ao seu controle das linhas do tempo, como previsto pela cor das roupas, tal qual apresentado por Von Franz (2021). Loki cessa sua luta por outra solução, escolhendo a morte simbólica e ida ao inconsciente, representando um passo no caminho da individuação. Com sua decisão, as linhas do tempo circulam Loki em formato de árvore, elemento que também representa, na tradição alquímica, “o processo de individuação, ou seja, o contínuo crescimento interior em direção a uma consciência superior, durante o qual novas luzes são vistas” (Von Franz, 2021b, p. 65).

Em ambas as redenções, Loki apresenta como motivo ser redimido pelo sofrimento (Von Franz, 2021a), seja este físico, como sua morte pelas mãos de Thanos; ou psicológico, como sua solidão dentro da *Yggdrasil*, ao tomar posição de um deus afastado. Ambas as redenções também podem ser consideradas mortes, físicas, como a primeira; ou simbólica, como na segunda.

Dado a análise de suas redenções, observa-se que a história de Loki no Universo Cinematográfico da Marvel é permeada pelo sentimento de falta de pertencimento e solidão subsequente. Entretanto, ao se sacrificar pelo multiverso, sacrifica também relacionamentos que cultivara ao longo da série, nos quais era compreendido - ou ao menos interpretado - como além de um deus da mentira, um trickster, que anteriormente fora um vilão.

2.4. ANÁLISE DAS FANFICS SELECIONADAS

2.4.1. FANFICS HURT/COMFORT

Das 20 *fanfics* de *hurt/comfort* selecionadas, as *fanfics* envolvendo Bucky apresentaram uma distribuição igual de quem se machuca nas *fanfics*, sendo em 40% ele, em 40% ela, e em 20%, ambos. Já nas *fanfics* com Loki como interesse romântico, predominou histórias em que ele se machuca (60% das *fanfics*), e nas quais ambos estão sofrendo (30%), com apenas 10% *fanfic* na quais apenas ela requer cuidados.

Sobre quem é o cuidado e quem é o cuidador, a personagem feminina é cuidada em 30% *fanfics* (40% de Bucky; 20% de Loki), o personagem masculino, em 50% *fanfics* (30% de Bucky; 70% de Loki), e é estabelecida uma relação de troca em 30% *fanfics* (20% de Bucky; 10% de Loki).

Quanto ao tipo de ferimento, prevaleceu o psicológico, sendo 60% nas histórias envolvendo Bucky, e 90% nas com Loki.

Em ambos os tipos de *fanfic*, encontrou-se predominância da redenção por amor (50% nas de Bucky e 70% nas de Loki), e em duas não se observou redenção (10% de cada um dos personagens). As *fanfics* com Bucky também apresentaram a redenção pelo abandono da figura do vilão (40%). As restantes, com Loki, tiveram sua redenção no sofrimento (20%).

O vilão personificando aspectos reprimidos na sombra esteve presente em 50% das histórias com Bucky e 30% nas com Loki.

Devido a escolha de *fanfics* com apenas um capítulo (*oneshots*), não foi possível determinar um padrão de dinâmicas de codependência entre os personagens, e a perda do braço esquerdo de Bucky não foi representada como invalidez em nenhuma das *fanfics* selecionadas.

2.4.2. SICKFICS

Tanto nas *fanfics* com Bucky quanto com Loki, em onze das doze *fanfics* selecionadas para cada personagem, a personagem doente era a leitora, e em apenas uma das doze, ele. Assim, totalizou-se 22 *fanfics* com a leitora doente, e apenas 2 do herói.

As causas do mal-estar variaram entre: doença não especificada (8,33% de Bucky; 33,33% de Loki), gripe (33,33% de Bucky; 8,33% de Loki), resfriado (16,67% para ambos), dor de estômago ou náusea (16,67% de Bucky; 8,33% de Loki), cirurgia (8,33% de Bucky; 16,67% de Loki), ferida infectada (8,33% de Bucky), insolação (8,33% de Loki), hipotermia (8,33% de Loki).

A forma de cuidado predominante é carinho físico (83,33% de Bucky; 91,67% de Loki) e oferta de medicamentos (66,67% de Bucky; 8,33% de Loki), mas também aparecem sopas (16,67% em ambos) e algum tipo de alimento (58,33% em ambos). Como recurso, o braço de metal de Bucky foi utilizado em uma (8,33%) *fanfic* como compressa fria, enquanto a genética Gigante de Gelo de Loki apresenta a mesma finalidade em 50% das *fanfics* selecionadas.

A sombra emerge em 16,67% das *sickfics*, sendo três destas relativas à Bucky, e uma à Loki. Loki ser um Gigante de Gelo apareceu em 33,33% histórias, e nas *sickfics* com Loki, observou-se a infantilização das leitoras em 25% histórias.

2.4.3. A QUE SERVEM AS FANFICS?

Ao observar as notas das autoras (em inglês, chamadas de *author's notes*) de *sickfics*, texto localizado antes da *fanfic*, observa-se que metade das histórias selecionadas foram motivadas por algo que a escritora passou ou que alguma leitora lhe pediu para escrever sobre. Assim, levanta-se a questão da utilidade psíquica da *fanfic* enquanto elemento expressivo de necessidades, uma atuação dessas histórias na função transcendente.

Jung (2014) apresenta a função transcendente como forma autorreguladora da psique, a ter sua conexão com o Self fortalecida no processo terapêutico. Entretanto, ressalta a necessidade do paciente “se sustentar sobre seus próprios pés” (Jung, 2014, para. 151), sem ajuda de um outro (o terapeuta) a quem tende a ficar dependente. Ao avaliar as possibilidades de instrumentos a se utilizarem para estímulo da função transcendente, Jung (2014) aponta que tanto sonhos, associações livres e fantasias espontâneas, apresentam empecilhos quando considerado seus poderes de autorregulação ao ficarem à mercê da interpretação solitária pelo indivíduo.

O procedimento em questão é uma forma de enriquecimento e ilustração do afeto e é por isso que o afeto se aproxima, com seus conteúdos, da consciência, tornando-se, ao mesmo tempo, mais perceptível e, conseqüentemente, também mais inteligível. Basta esta atividade para exercer uma influência benéfica e vitalizadora. De qualquer modo, ela ocasiona uma situação, porque o afeto, anteriormente não relacionado, converte-se em uma ideia mais ou menos clara e articulada, graças precisamente ao apoio e à cooperação da consciência. Isto representa um começo da função transcendente, vale dizer da colaboração de fatores inconscientes e conscientes (Jung, 2014, para. 167)

Neste aspecto, *fanfics* podem ser consideradas potentes expressões da função transcendente, uma vez que indicam, tal qual os outros métodos, representações de conteúdos inconscientes, porém estruturados de forma compreensível e organizada ao se proporem contar uma história com imagens descritas e sequência lógica.

Essas histórias, por serem criações do inconsciente, são fantasias, o que já aponta movimentação de energia psíquica, e indício de já estar ocorrendo o ponto de partida para a função transcendente.

o que se procura aqui é a maneira de tornar conscientes os conteúdos do inconsciente que estão sempre presentes a interferir em nossas ações, e, com isto, evitar justamente a intromissão secreta do inconsciente, com suas conseqüências desagradáveis. (Jung, 2014, para. 158)

Fanfics também apresentam uma construção parcialmente social, uma vez que envolvem a contribuição de vários indivíduos, seja no momento de construção de enredo ou após as publicações, com comentários e *kudos* (curtidas). O fato das *fanfics* não ficarem restritas ao particular, mas sim com exposição ao público, pode apresentar-se também como uma questão vantajosa não apenas à forma de expressão, mas também relativa à interpretação do conteúdo e da razão para sua necessidade de expressão naquele momento.

A demanda por escrita de certas *fanfics*, entretanto, não está vinculada apenas a fantasias internas. O aumento de número de histórias também depende do momento em que a mídia original se encontra, ou seja, que a tipos de inteirações e histórias daquele universo o público tem sido exposto.

No caso dos personagens Bucky e Loki, observou-se 1.314% de aumento na quantidade de *fanfics* envolvendo Loki após os filmes Thor: O Mundo Sombrio (2013), no qual Loki teve mais minutos de tela e passou por eventos complexos, como seu encarceramento, o luto pela mãe, a aliança com o irmão e o fingimento de sua morte; Vingadores: Guerra Infinita (2018), quando Loki morre definitivamente, rendendo 1.146 *fanfics*; e Vingadores: Ultimato (2019) - com o dobro das *fanfics* - filme que acompanha o luto de Thor pelo irmão. Já as *fanfics* com Bucky apresentaram aumento de 382% em Capitão América: Guerra Civil (2016), filme em que Bucky ser um fugitivo é a história central; mantendo-se constante em Vingadores: Guerra Infinita (2018), e tendo aumento de 115% após Vingadores: Ultimato (2019), quando Bucky volta do *Blip* e é deixado no presente, enquanto seu amigo, Steve Rogers, volta ao passado sozinho. Entretanto, o maior número de *fanfics* encontra-se após a série Falcão e o Soldado Invernal (2021), em um aumento de 77%, quando Bucky passa a frequentar sessões obrigatórias de terapia e passa seu tempo com o novo Capitão América, Sam Wilson, tendo que lidar com o que fizera enquanto trabalhava como Soldado Invernal.

Assim, compreende-se que a interferência das fãs a partir da criação das *fanfics* se dá em momentos de sofrimento físico e predominantemente psicológico, quando os personagens estão lidando com lutos variados, relacionados à sua história enquanto vilão.

Desta forma, ambos os personagens podem ser considerados, dentro das *fanfics*, como representações do arquétipo do inválido (Guggenbuhl-Craig, 1997), inválidos emocionais, que se tornam eternamente dependentes das heroínas escritas pelas fãs, que como personagens, assumem papel de cuidadoras.

2.4.4. A REDENÇÃO

Von Franz (2021a) considera que há seis motivos de redenção nos contos de fadas: tomar um banho, livrando-se das influências do ambiente sob o personagem; comer flores; a queima da pele animal; ser degolado; redenção pelo sofrimento e, por fim, redenção pelo amor.

Considerando-se a queima da pele animal como sendo o despir-se de uma identidade lhe dada como maldição, considera-se que nas histórias, trata-se de queimar a persona de vilão dos personagens. No caso de Bucky, a identidade a ser queimada seria a de Soldado Invernal, e para Loki, seu papel de vilão, as vezes apresentado como sua herança Gigante de Gelo.

Nas *fanfics* de *hurt/comfort* selecionadas, encontrou-se predominantemente o amor como motivo de redenção (60% das *fanfics*), mas também despir-se da persona de vilão (20% das *fanfics*), e o sofrimento (10% das *fanfics*).

Para as histórias com Bucky, o personagem não é retratado como redimido de seus feitos enquanto Soldado Invernal. Por vezes, os Vingadores já lhe redimiram, mas o mundo não. Em metade das histórias de *hurt/comfort* sobre ele, o próprio personagem não se considera redimido, e apresenta medo de interagir com a leitora por medo de machucá-la inconscientemente. Nessas *fanfics*, a leitora interfere em sua redenção, ofertando-lhe amor e ocupando lugar de salvadora, conselheira, e por vezes, de forma semelhante a uma acompanhante terapêutica, ajudando-o a se reinserir no mundo.

Já as redenções através do se despir da persona de vilão se dão em histórias nas quais Bucky ocupa lugar de herói, salvando a personagem da leitora. Entretanto, no caso das histórias com Bucky Barnes, há uma peculiaridade: existem histórias nas quais a leitora passa pelas mesmas situações que ele passara, sendo também uma Soldada Invernal. Nestas *fanfics*, Bucky é quem a ajuda a despir-se da persona de vilão, afastando-se do passado como vilã.

Nas *fanfics* com Loki, predomina a redenção pelo amor, envolvendo o acolhimento dele pela leitora, compreendendo seus motivos para agir como antagonista, ou demonstrando amá-lo também em sua forma Gigante de Gelo. Entretanto, independente do momento da redenção de Loki, a ausência de sua mãe leva o peso da história a recair sobre a personagem da leitora (Von Franz, 2010). Ao perder a mãe, a rainha, Loki perde Eros (Von Franz, 2010), e a personagem da leitora o faz renascer em Loki.

A redenção pode ser avaliada apenas nas *fanfics hurt/comfort*, pois as *sickfics* tendem a serem mais diretas, sem grande desenvolvimento da história ou foco na redenção ou na sombra.

Para analisar estes personagens, considera-se o aspecto vilão de ambos sendo uma parte da sombra, então, para Bucky Barnes, o Soldado Invernal, e para Loki, antagonizar Thor, ou sua herança Gigante de Gelo, que Loki renegara em Thor (2011). Este aspecto da história de Loki foi ignorado pela mídia original, mas muito valorizado pelas escritoras e leitoras como material para *fanfics*.

Nas histórias *hurt/comfort*, os aspectos sombrios aparecem sempre de forma negativa, como algo que os personagens desejam se afastar. Porém as *sickfics* retratam algumas características ligadas à sombra dos personagens (o braço de metal de Bucky e a herança Gigante de Gelo de Loki) como desejáveis e úteis, caso de 29% das *fanfics*, nas quais são utilizados como compressas frias ou quentes.

Dado que, como um tipo de expressão artística, vive-se na *fanfic* vicariamente (Boal, 2019), e a importância dessa experiência para a função transcendente, vale-se considerar

também que tanto nas *sickfics* quanto nas *fanfics hurt/comfort*, há um funcionamento análogo ao princípio do curador ferido, uma vez que em ambos os gêneros de *fanfic*, há sempre um personagem a ser curado, e um a ser o curador. Não importando quem, entre a leitora, Bucky e Loki, representa este dois papéis, pois todos os personagens são escritos pelas fãs.

Segundo Natel (2020), a dinâmica médico-paciente ativa, no médico, a imagem arquetípica da doença, e no paciente, a da cura. Desta forma, a leitora, ao entrar em contato com essas histórias, experiencia projetivamente o conjunto de imagens arquetípicas, proporcionando evoluções quanto a sua própria cura a partir da *fanfic*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar e investigar dois gêneros de *fanfics* de um *fandom*, envolvendo dois dos personagens mais queridos pelas fãs que criam e consomem *fanfic*. O âmbito de *fanworks* demonstra-se muito abrangente, com características variantes a depender da formação de seus *fandoms*.

Sobre as *fanfics* românticas com vilões redimidos do Universo Cinematográfico da Marvel, observou-se que o apego a estes personagens se dá devido a semelhança das histórias dos personagens com vivências das fãs, apego que se traduz na necessidade de cuidado que elas representam com os personagens da Marvel, ajudando-os a superar erros e abusos que constituem suas histórias. As fãs os aceitam enquanto vilões redimidos, acolhendo e perdoando. Entretanto, o apego pode ser demonstrado de outra forma, com as fãs necessitando do mesmo acolhimento que tiveram com os personagens, mas, desta vez, na posição de serem elas as cuidadas, e eles os cuidadores.

Pouco importa a posição em que os personagens estão. O que importa é que há um cuidador e um sendo cuidado, e essa dinâmica contribui para a autorregulação da psique das leitoras e escritoras, entre o consciente e o inconsciente, através função transcendente.

Assim, não há um “*I can fix him*” nestas histórias, pois o personagem trata-se de uma representação da leitora e da escritora, utilizado com o intuito de gerar conforto e suprir as necessidades delas, acabando por “*fix*”, ou seja, consertar, a si mesmas. O contato com estas *fanfics*, portanto, torna-se um instrumento para despertar um processo de reconhecimento das próprias feridas emocionais e um chamado ao próprio processo de autocuidado e o início de uma elaboração.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido**: e outras poéticas políticas. São Paulo: Editora 34, 2019.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista FAMECOS**, nº 24, p. 110-124, 2004.

CAPITÃO América: Guerra Civil. Direção: Anthony Russo; Joe Russo. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2016.

CAPITÃO América: O Primeiro Vingador. Direção: Joe Johnston. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2011.

COPPA, Francesca. A Brief History of Media Fandom. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (ed.). **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**. Jefferson, Carolina do Norte: McFarland, 2006. p. 41-60.

DUGGAN, Jennifer. Who writes Harry Potter fan fiction? Passionate detachment, "zooming out," and fan fiction paratexts on AO3. *Transformative Works And Cultures*, [S.L.], v. 34, n. 0, p. 00-00, 15 set. 2020. **Transformative Works and Cultures**.
<http://dx.doi.org/10.3983/twc.2020.1863>. Disponível em:
<https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/1863>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FALCÃO E O SOLDADO INVERNAL: 1ª temporada. Direção: Kari Skogland. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos: Marvel Studios, 2021. 6 episódios.

GUGGENBUHL-CRAIG, A. O arquétipo do inválido e os limites da cura. Tradução de Glaucio Ulson. *Junguiana*, [São Paulo] n. 1, V. 1, p. 97 - 106, 1997. Título original: "The archetype of the invalid and the limits of healing".

JENKINS, Henry. Glossário. In: JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 3. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2022. p. 375-390.

KAST, Verena. **A imaginação como espaço de liberdade**: diálogo entre o ego e o inconsciente. São Paulo: Loyola, 1997.

LOKI: 1ª temporada. Direção: Kate Herron. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos: Marvel Studios, 2021. 6 episódios.

LOKI: 2ª temporada. Direção: Justin Benson; Aaron Moorhead. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos: Marvel Studios, 2023. 6 episódios.

MARIANA DA SILVA CORREA DOS SANTOS (São Carlos). Ufscar. **O que é um E-zine?** Disponível em: <https://www.e-zine.ufscar.br/institucional/e-zine>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MCLEAN, Adam. **A deusa tríplice**: em busca do Feminino Arquetípico. São Paulo: Cultrix, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015. Cap. 1. p. 10-30.

MONTEIRO, C. Fandom: cultura participativa em busca de um ídolo. **Anagrama**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1-13, 2010. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2010.35481. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35481>. Acesso em: 5 abr. 2023.

NATEL, Rejane Maria Gomes Leite. **O Curador Ferido**: mito e formação junguiana. Curitiba: Appris, 2020.



PAIGE, Rachel. Costume designer Christine Wada on keeping god Loki's final look 'humble'. **Marvel**, 2023. Disponível em: <https://www.marvel.com/articles/tv-shows/costume-designer-christine-wada-god-loki>. Acesso em: 06 abr. 2024.

THOR. Direção: Kenneth Branagh. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2011.

THOR: Mundo Sombrio. Direção: Alan Taylor. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2013.

VINGADORES. Direção: Joss Whedon. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2012.

VINGADORES: Guerra Infinita. Direção: Anthony Russo; Joe Russo. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2018.

VINGADORES: Ultimato. Direção: Anthony Russo; Joe Russo. Produção: Kevin Feige, Marvel Studios. Estados Unidos, 2019.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Animus e anima nos contos de fada**. Campinas: Verus, 2010.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fada**: um estudo arquetípico sobre conflitos e problemas de relacionamento. São Paulo: Cultrix, 2021a. 168 p.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Os sonhos e a morte**: uma visão da psicologia analítica sobre os múltiplos simbolismos do estágio final da vida. São Paulo: Cultrix, 2021b.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

Contatos: ana.nagashima@me.com e analucia.pandini@mackenzie.br.